



Cerâmica Medieval e Pós-Medieval
métodos e resultados para o seu estudo

ACTAS DAS 3^{as} JORNADAS
TONDELA, 28 A 31 DE OUTUBRO DE 1997

Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos

Cláudio Torres*, Susana Gómez**, Manuela Barros Ferreira***

1. INTRODUÇÃO

Na abordagem dos problemas mais recentes levantados pela ceramologia medieval, nomeadamente na divulgação dos trabalhos de investigação, a comunidade científica tem-se deparado com dificuldades de nomenclatura, com destaque para uma evidente indefinição e desordem na atribuição de um nome único e consensual a cada um dos artefactos. De um modo geral, o vocabulário e os termos específicos de cada matéria científica sofrem um processo de sedimentação que, por vezes ao longo de algumas gerações, vão sendo sistematizados pelos hábitos linguísticos dos seus mais prestigiados investigadores e, paulatinamente aceites no respectivo meio especializado ou académico. Outras vezes, assumindo um certo voluntarismo, convocam-se reuniões de trabalho ou aproveitam-se assembleias temáticas para apresentar propostas terminológicas. Finalmente, e esta é a fórmula que mais tem sido utilizada, recorre-se à nomenclatura usada em disciplinas afins ou referente a outros períodos cronológicos como tem sido entre nós o expediente de adaptar as classificações de época romana. Estas últimas, porém, com a louvável excepção de Jorge Alarcão, abusam das tabelas classificativas alfa-numéricas, muito rigorosas mas pouco expressivas.

No caso concreto da cerâmica de época islâmica, existe em Espanha uma terminologia consensualmente aceite baseada, sobretudo, nos trabalhos de Guillermo Rosselló, um dos principais investigadores a dedicar-se nos últimos anos a este tema. Este autor deu uma atenção especial à terminologia naquela que foi a primeira monografia dedicada à sistematização da cerâmica de época islâmica de Maiorca (Rosselló 1978). Posteriormente, estimulado pelo trabalho de Coll, Marti e Pascual (1988), dedicou exclusivamente a este tema a sua obra *El nombre de las cosas en al-Andalus* (Rosselló 1991), recheada de abundante documentação.

Em Portugal um trabalho deste tipo está ainda por fazer, existindo apenas alguns esboços terminológicos resultantes da prática de investigadores que, de uma forma directa ou indirecta, se têm interessado pelo período islâmico. Uma primeira listagem de termos foi incluída no catálogo *Cerâmica Islâmica Portuguesa* de Cláudio Torres (Torres 1987) e que, de uma forma intermitente, tem sido utilizado por outros arqueólogos.

Alguns investigadores têm posto em dúvida a utilidade dum debate sobre este tema, argumentando um previsível e eterno desacordo entre os autores que, originários de diferentes áreas culturais, são influenciados por outras tantas nomenclaturas regionais ainda em vigor na produção artesanal e que, naturalmente, diferem de região para região. No entanto, uma reflexão sobre a terminologia tem demonstrado, em Espanha, que esta metodologia pode abrir novos caminhos de pesquisa, nomeadamente no campo da funcionalidade dos objectos. Por outro lado, a computadorização de dados, para ser eficaz, exige rigor e precisão dos termos. A uniformidade e, sobretudo, a sobreposição inequívoca do nome e do objecto a que se refere, assim como a definição rigorosa dos elementos designados por cada termo, é imprescindível para um correcto cruzamento dos dados fornecidos por diversos investigadores ou provenientes de várias estações arqueológicas. Na prática actual da ceramologia do Gharb al-Andalus tem faltado esta coordenação. Enquanto a alguns objectos foram atribuídos nomes que não levantam qualquer dúvida ou ambiguidade, outros há para os quais se usam três ou quatro termos. E uma só palavra pode mesmo querer referir-se a objectos ou conceitos diferentes e mesmo contraditórios.

Por conseguinte, e dada a quantidade e variedade da cerâmica islâmica na Península, é conveniente desfazer ambiguidades e esclarecer alguns conceitos que ultimamente não têm facilitado uma conversão exacta entre as duas principais línguas ibéricas. Veja-se o caso sintomático da palavra *jarra*, por exemplo.

Não é nossa intenção, com este artigo, criar uma terminologia definitiva e, menos ainda, impor a nossa proposta aos restantes investigadores. Propomo-nos apenas, depois de inventariado o mais significativo vocabulário

* Campo Arqueológico de Mértola.

** Campo Arqueológico de Mértola e Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

*** Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

utilizado nos trabalhos de ceramologia islâmica em português, determinar a origem cronológica e etimológica de cada um dos termos e, assim, ponderar a sua adequação aos objectos propostos.

Os critérios que nortearam a selecção do termo que nos parece mais adequado para cada uma das formas funcionais foram os seguintes:

- Em primeiro lugar, a palavra, por regra geral, deve ter uso actual na língua portuguesa, de modo a que o neófito não encontre muitas dificuldades em identificar o objecto em estudo.
- Sempre que existam e sejam de uso corrente, pelo menos entre os especialistas, terão a preferência os arabismos em vez de vocábulos de criação ou introdução recente.
- No caso de não existirem, na linguagem corrente, termos de feição árabe ou moçárabe para o objecto em causa, dar-se-á a prioridade, conforme o caso, aos termos menos ambíguos, aos mais usados pelos investigadores, aos de maior difusão peninsular ou aos de mais antiga tradição linguística,

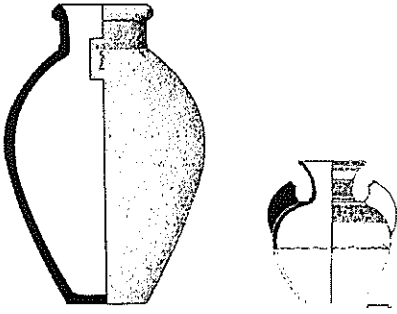
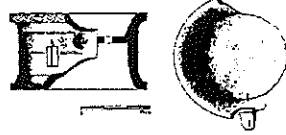

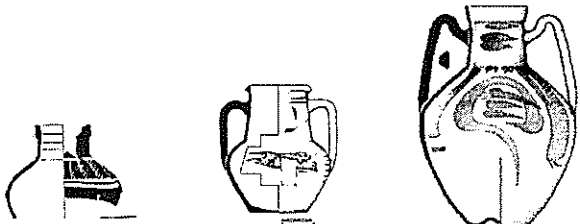

sendo a escolha, de modo geral, feita de acordo com a história da palavra e do objecto.

No levantamento prévio, mesmo sem a pretensão de sermos exaustivos, inventariámos mais de 80 vocábulos, recolhidos quer em trabalhos de arqueologia islâmica, quer em obras de carácter histórico, linguístico ou etnográfico baseadas em documentação dos séculos XIV a XVI. A exposição da listagem completa das denominações recolhidas nesta pesquisa alargaria demasiado esta comunicação. Por este motivo, na proposta que se segue só mencionamos as mais utilizadas. De modo a facilitar outros termos de comparação, cada designação é acompanhada dos termos em castelhano e em catalão que figuram na proposta de Guillermo Rosselló (1991).

2. TERMOS GENÉRICOS

Não se conservando em português nenhum termo procedente do árabe para os conjuntos de objectos cerâmicos nem para a noção de «recipiente», utilizamos, no

FIG. 1 – VASILHAME DE ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
TALHA			TINAJA	ALFABIA	
SUPORTE OU SOPÉ DE TALHA			REPOSADERO SALVILLA	ESTALVIS	
POTE			ORZA	ANCOLLA	
CÂNTARO		INFUSA ÂNFORA	JARRA	GERRA	
CANTIL			CANTIM-PLORA	BALDRACA	 (segundo Rafael Azuar Ruiz)

primeiro caso, as palavras LOUÇA e VASILHAME e, no segundo, CONTENTOR, RECIPIENTE e VASILHA.

3. VASILHAME DE ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE (Fig. 1)

3.1. Talha / Tinaja (castelhano) / Alfàbia (catalão)

Forma fechada de grandes dimensões, de corpo ovoide, com ou sem asas, destinada a conter líquidos ou sólidos e a permanecer imóvel num compartimento da casa destinado a dispensa. No caso das talhas mais ornamentadas e portanto destinadas a guardar água fresca, a sua localização era habitualmente nas imediações do pátio, sob um pequeno alpendre.

O termo deriva do latim TINA. Não existe em português qualquer palavra de origem árabe com este sentido e o uso muito generalizado da palavra TALHA justifica que não se utilize o moçarabismo TINALHA, hoje praticamente esquecido em português, porém ainda documentado pela toponímia: *Tinalhas*, no distrito de Castelo Branco.

3.2. Suporte ou Sopé de Talha / Reposadero ou Salvilla (cast.) / Estalvis (cat.)

Este objecto, geralmente de forma cilíndrica e de grande estabilidade, destinava-se a suportar a talha e a escorrer para um terceiro recipiente a água ressumada pelas suas paredes porosas. Consideramos esta expressão mais clara do que BASE DE TALHA, que utilizávamos anteriormente.

3.3. Pote / Orza (cast.) / Ancolla (cat.)

Trata-se duma forma fechada, de corpo geralmente ovoide ou globular, sem marcas de fogo ou outras características que indiquem tratar-se de um recipiente próprio para ir ao lume. Costuma ter um colo que permitia introduzir a mão ou uma colher larga, com um bordo levemente extrorso que um pano cobria, fixado por um cordel.

Segundo o DCECH (sob *Bote* II) e, sobretudo, DECLC (sob *Pot*), é palavra antiquíssima, de origem pré-romana, pré-celta e pré-germânica. Na actualidade, além do português, registam-se palavras com a mesma origem em catalão, occitano, francês e algumas línguas germânicas.

Não conhecemos em português um termo com este significado que possa adaptar-se melhor a esta função de armazenamento.

3.4. Cântaro / Jarra (cast.) / Gerra (cat.)

Este termo aplica-se a vasilhas fechadas e dimensão média destinadas ao transporte de líquidos – nomeadamente água – e, eventualmente, ao seu armazenamento. O corpo, de forma ovóide, tem asas para facilitar o transporte e um gargalo e boca relativamente estreitos para que o líquido se não verta. O seu tamanho não podia ser excessivo, pois destinava-se a ser levado, cheio de água, por mulheres. Segundo o DCECH o termo provém do latim CANTHARUS, que a tomou do grego onde significava «escaravelho». Preferimos esta palavra à utilizada em castelhano por Rosselló, JARRA, pois o significado actual desta, em português, não se relaciona com o transporte de líquidos mas sim com funções ornamentais e por isso preferimos reservá-la para outro tipo de vasilha. Rejeitamos a denominação INFUSA

por ter significados variáveis ao longo do território e o termo ÂNFORA por se aplicar a uma forma de época romana muito concreta e de todos conhecida.

3.5. Cantil / Cantimplora (cast.) / Baldraca (cat.)

Trata-se de uma forma fechada de corpo geralmente lenticular, com uma ou várias bocas estreitas, a fim de evitar que o líquido se derrame com facilidade. Destinava-se a transportar pequenas quantidades de água de beber. A etimologia da palavra é obscura, sendo porém provável que esteja relacionada com CANTHARUS. Com o mesmo sentido existe no catalão de Maiorca o moçarabismo *candil* (DECLC, sob *Cântir*, p. 491/2 e linhas 33-36) Não conhecemos em português outro termo para designar objectos com estas características.

4. LOUÇA DE COZINHA (Fig. 2)

4.1. Panela e marmita / Marmita (cast.) / Olla (cat.)

Define-se genericamente como forma fechada, de corpo globular e colo diferenciado, uma ou duas asas, e boca de tamanho médio que podia ser facilmente tapada. Costuma apresentar marcas de fogo. Segundo DCECH (sob *Paño*) é provável que o termo proceda do latim PANNA, onde significava «sertã». Escolhemos a palavra PANELA entre as diferentes variáveis regionais por ser a mais utilizada pelos investigadores.

Não é de excluir o termo MARMITA para definir determinados tipos de perfil mais aberto. Com ele poderíamos distinguir a variante de forma fechada de tendência cilíndrica ou em tronco de cone de pouca altura, destinada a ir ao lume e com asas ou saliências para manipulação. A diferença fundamental em relação à panela seria a forma, de tendência cilíndrica, e a irrelevância ou inexistência de colo.

A etimologia desta palavra é discutível. O DCECH e J. P. Machado sustentam que deriva do francês *marmite*, sendo relativamente recente na língua portuguesa. Apesar das dúvidas etimológicas e de o significado actual não associar o termo a um objecto de ir ao lume, preferimos adoptar MARMITA e não TACHO.


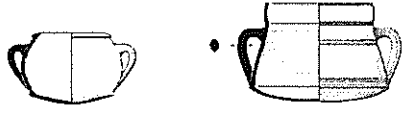
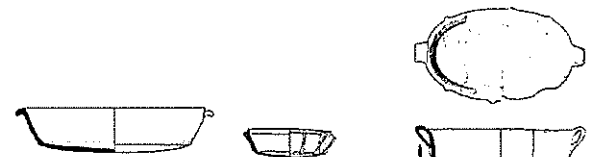
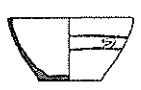


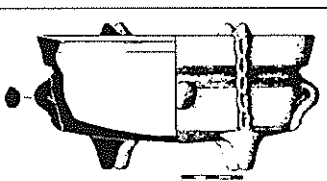
4.2. Caçoila / Cazuela (cast.) / Cassola (cat.)

Esta é uma forma aberta, de corpo mais largo do que alto, de tendência cilíndrica ou em tronco de cone invertido. Pode ter pequenos apêndices para o manuseamento e apresenta quase sempre um bordo afeiçoado de modo a receber uma tampa.

Mais uma vez existem dúvidas quanto à origem da palavra. Certo é estar relacionada com *cace* ou *caço*, termo do sul do país para grande colher, ou concha, da sopa. Segundo Rosselló, atravessou o período árabe através do moçárabe. Parece bem possível que, a partir do grego¹, o termo fosse sendo adaptado ao longo dos séculos, e que ao latim CATTIA fosse acrescentado o diminutivo – OLA, que o moçárabe transformou em *-oila* (sobre este aspecto moçárabe, cf. DCECH, sob *Techo*, p. 449/1).

¹ *Cathion* por *cyathion*, «vasilha para tirar água». Cf. DCECH, sob *Cazuela*.

FIG. 2 – LOUÇA DE COZINHA

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
PANELA			MARMITA	OLLA	
MARMITA		TACHO	MARMITA	OLLA	
CAÇOILA		FRIGIDEIRA	CAZUELA SERTÀ	CASSOLA	
ALMOFARIZ			ALMIREZ	MORTER	 Segundo Helena Kirchner
FUNIL			EMBUDO	EMBUT	 Segundo Juan Zozaya
ALGUIDAR			LEBRILLO ALCADAFAE	RIBELL LLIBRELL GIBRELL	
TRÍPODE		TRESPÉS	TRIPODE	TRESPEUS	

4.3. Almojariz / Almirez (cast.) / Morter (cat.)

Este termo designa uma forma aberta, de corpo tendencialmente cilíndrico e paredes grossas, resistentes aos golpes, pois servia para esmagar condimentos.

Não há dúvidas da origem árabe da palavra nem da existência de peças cerâmicas com esta função do período islâmico, embora não se conheça nenhum artefacto completo. É possível que tigelas mais grosseiras e resistentes pudessem desempenhar esta função.

4.4. Funil / Embudo (cast.) / Embut (cat.)

Designa um objecto de corpo cónico, geralmente com um elemento tubular na parte estreita.

Segundo DCECH este termo provém de um suposto latim vulgar INFUNDICULU-, do verbo INFUNDERE «deitar líquido num recipiente». Teria entrado no galaico-português por via marítima, a partir de Bordéus. Pertenceria ao vocabulário vinícola dessa zona onde sofreu a transformação *nd >n* própria do occitano. Não existe

termo alternativo em português e tão pouco é um objecto frequente nas estações do Gharb.

4.5. Alguidar / Lebrillo ou Alcadafe (cast.) / Ribell, Llibrell ou Gibrell (cat.)

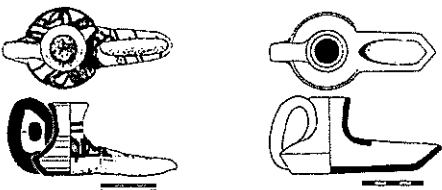

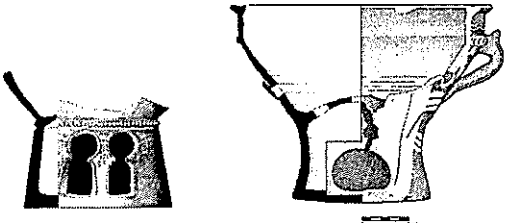
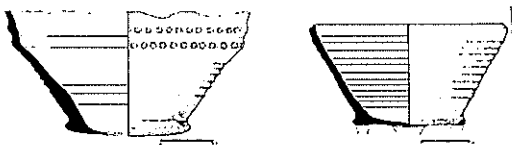
Este é um dos termos menos problemáticos. Refere-se, de forma genérica, a um grande recipiente aberto de corpo cilíndrico ou em tronco de cone invertido que tanto podia servir para preparar alimentos como para tarefas de higiene doméstica.

Este termo não coloca nenhum problema pois procede do árabe e não existe outra palavra alternativa tão generalizada como esta.

4.6. Trípode / Trípede (cast.) / Trespeus (cat.)

É o termo com o qual designamos um objecto aberto de forma cilíndrica ou em tronco de cone invertido, com três pequenos pés, ou mais, também cónicos. Pode ser considerado uma variante do alguidar, mas nos casos em

FIG. 3 – CONTENTORES DE LUME

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
CANDIL		LAMPARINA LUCERNA	CANDIL	LLANTIA LLUMETA	
CANDEIA		LAMPARINA LUCERNA	CANDIL	LLANTIA LLUMETA	
FOGAREIRO			ANAFE	FOGO	
BRASEIRO	BRASEIRA QUEIMADOR		QUEMA PERFUMES PEBETEROS		

que apresenta marcas de lume no interior, pode ter servido como BRASEIRO.

Rejeitamos o termo TRESPÉS usado por alguns autores, preferindo, como é usual em terminologia científica, adoptar um neologismo já existente e mais próximo dos seus constituintes latinos.

5. CONTENTORES DE LUME (Fig. 3)

Utilizamos o termo LUME em substituição de FOGO, considerando que LUME tem em português um sentido de «fogo controlado e doméstico» que não existe na palavra FOGO.

5.1. Candil / Candil (cast.) / Llantia, Llumeta (cat.)

Designa um objecto de iluminação de forma fechada. Possui corpo de tendência lenticular, com colo alto e estreito e um bico de secção em forma de «U», denominado tradicionalmente BICO DE PATO.

O vocábulo tem a mesma origem de *candeia*: ambos procedem do lat. CANDELA, que a esta língua chegou tardiamente, através do grego medieval (DCECH, sob *Candil*). Porém, enquanto *candeia* apresenta uma normal evolução do latim para o português, *candil* representa a adaptação árabe da palavra. Não se usa actualmente em

português, mas, como é termo frequente na literatura, consideramos adequado usá-lo para definir uma forma que também desapareceu, distinguindo deste modo o CANDIL, de forma fechada, da CANDEIA que seria a forma aberta que se manteve praticamente até aos nossos dias. Nesta palavra, como já constatámos em *cântaro* e *pote*, observa-se a importância que tiveram as trocas mediterrânicas ao longo dos séculos na fixação do vocabulário cerâmico.

5.2. Candeia

CANDEIA é, por conseguinte, o termo que corresponderá a um objecto de iluminação de forma aberta que continuou a ser produzido até ao século XIX. Trata-se de um recipiente com o corpo cilíndrico achatado com um pequeno bico onde brilhava o pavio.

Rejeitamos os termos LAMPARINA e LUCERNA, menos utilizados pelos investigadores para os objectos de iluminação deste período.

5.3. Fogareiro / Anafe (Cast.) / Fogo (cat.)

Designa uma peça semelhante às que ainda hoje continuam em uso com este mesmo nome. É constituído por um corpo superior aberto para conter as brasas. Uma grelha separa este corpo da fornalha inferior onde se depositam

as cinzas. É uma palavra derivada de *fogar*, do lat. hisp. FOCARIS (que substituiu o lat. FOCUS: cf. DCECH sob *Fuego*). Não existe em português outro termo para designar este objecto.

5.4. Braseiro / Quema Perfumes ou Pebetero (cast.)

Denominamos assim um objecto de forma aberta em tronco de cone invertido com pequenas saliências no interior do bordo. Servia provavelmente para conter brasas ou água muito quente a fim de manter aquecido o recipiente que se lhe sobrepunha. Quando tapado por este, as saliências do rebordo permitiam a oxigenação das brasas.

A etimologia é transparente. Preferimos este termo, *braseiro*, em vez de *braseira*, que hoje designa um outro objecto, e em vez de *queimador*, palavra que, pressupondo a queima de substâncias aromáticas, restringe demasiado a sua presumível função.

6. LOUÇA DE MESA

6.1. Bilha / Redoma (cast.) (Fig. 4)

Genericamente, denominamos deste modo uma forma fechada, de tamanho pequeno ou médio, de corpo globular, gargalo e boca estreitos e com uma ou duas asas.

A etimologia do termo é, mais uma vez, polémica. Entre as duas hipóteses enunciadas por J. P. Machado, aquela que toma de Serafim da Silva Neto parece enquadrar-se melhor na circulação mediterrânica já observada noutros casos: assim, teria origem no grego *bikion* «pequena ânfora», latinizada em BICULA, de onde *bicla* e, por fim, *bilha*.

Rejeitamos o termo usado na bibliografia espanhola, REDOMA, pois o significado actual desta palavra em português é completamente diferente, referindo-se apenas a uma espécie de campânula de vidro usada para resguardar objectos delicados.

6.2. Garrafa / Limeta (cast.) (Fig. 4)

Seria uma variante da BILHA de corpo globular, gargalo e boca estreitos, mas sem asas e sem bico tubular.

Segundo o DECLC, trata-se de uma palavra de procedência oriental (persa), porém de etimologia incerta. Importante é o facto de existir em árabe, italiano, catalão, espanhol e português. Segundo o mesmo dicionário, parece ter penetrado na Europa por via italiana. A palavra em português actual designa uma forma muito próxima da que é aqui tratada.

6.3. Jarro / Jarro (cast.) / Cadaf (cat.) (Fig. 4)

Genericamente este termo define uma forma fechada, de tamanho médio, de corpo globular com uma única asa. Pode apresentar bico ou não.

Procede do árabe, do mesmo modo que JARRA e os seus derivados. Ainda hoje o termo designa estes objectos para verter líquidos.

6.4. Aguamanil / Jarro (cast.) / Cadaf (cat.) (Fig. 4)

Propomos denominar desta forma a variante do JARRO caracterizada por possuir um comprido bico tubular.

Na comunicação oral (1997) propúnhamos para esta forma a palavra *almotolia*. Etimologicamente esta última palavra procede do árabe e a sua tradução exacta para castelhano seria ALCUZA. Embora actualmente se denomine assim o pequeno contentor metálico de azeite, considerámos que este poderia ser um nome válido para recipientes destinados a líquidos de alguma estimação, como azeite, óleos perfumados, etc. Esse termo iria substituir os anteriormente utilizados, *bibeirão* e *bule*. No entanto, a especificidade actual do termo incitou-nos a voltar à palavra AGUAMANIL, já anteriormente usada. Esta última tem origem no latim tardio AQUAMANILE, derivado de *aqua-in-manus* (DCECH, sob *agua*). Com a mesma origem, mas apresentando a natural evolução do lat. para o português, existe também a palavra *gomil*.

6.5. Púcaro / Jarrito (cast.) (Fig. 4)

Variante de um pequeno jarro (inferior a 10 centímetros de altura) com forma fechada de tendência globular, colo diferenciado e uma única asa. A largura, em relação à altura, é quase sempre maior que no jarro. Pode apresentar bico vertedor e, eventualmente, ir ao lume.

O termo procede do latim POCULUM, tendo entrado no português por via moçárabe, o que justifica a evolução aparentemente irregular que teve a palavra. Testemunho mais genuíno da evolução moçárabe é *búcaro*, palavra que existe ainda no Alentejo (segundo o DCECH, sob *búcaro*), mas que não adoptámos por não obedecer ao primeiro dos critérios enunciados no princípio deste trabalho. Actualmente a palavra *púcaro* apresenta diferenças regionais quanto à forma e função, porém as dimensões e a existência de uma asa são características gerais.

6.6. Jarra / Jarrita (cast.) / Gerreta (cat.) (Fig. 4)

Objecto de forma fechada, tamanho médio, corpo de tendência globular, colo e boca relativamente largos e duas asas ou mais.

Como hoje em dia esta palavra designa em português um recipiente para flores, preferimos não aplicar o termo às peças de grandes dimensões destinadas ao transporte de líquidos e sim àquelas que se destinavam a um serviço de mesa mais impreciso. Denominar-se-á JARRINHA quando o seu tamanho for muito pequeno, inferior a 15 centímetros de altura, aproximadamente.

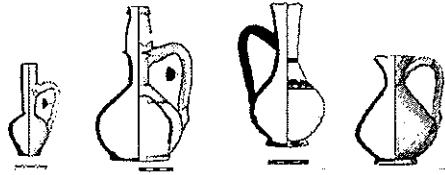
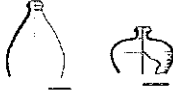
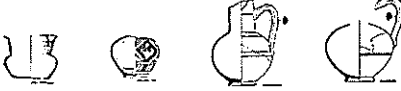





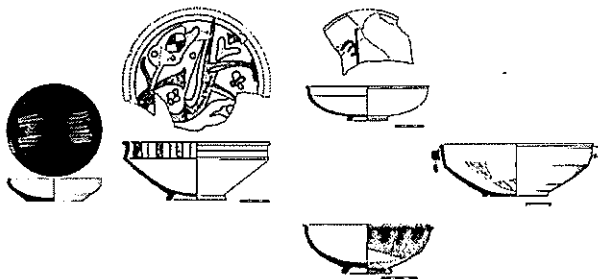
6.7. Copo / Vaso (cast.) ou Taza / Tassa (cat.) (Fig. 4)

Com esta palavra denominamos um pequeno recipiente com ou sem asa destinado a beber e de uso individual.

O termo procede do latim CUPPA, não se encontrando em português outro nome mais adequado para denominar este objecto.

Na comunicação oral consideramos este termo apenas para a forma cilíndrica, enquanto que para a forma de tendência globular com uma asa admitimos *taça*. A alternativa para esta última forma seria a palavra *chávena* que não nos parece apropriada pela sua origem extremo-oriental e tardia na língua portuguesa. Para este pequeno recipiente de uma só asa, que também serviria para levar água à boca, o mais apropriado e mais simples parecer-nos ser o termo COPO.

FIG. 4 - LOUÇA DE MESA

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
BILHA	CANTARINHA	REDOMA	REDOMA		
GARRAFA				LIMETA	
JARRO		BIBEIRÃO BULE	JARRO	CADAF	
AGUAMANIL		ALMOTOLIA			
PÚCARO	JARRINHO		JARRITO	CADAF	
JARRA JARRINHA			JARRITA	GERRETA	
COPO			TAZA	TASSA	
TAÇA					
TIGELA	TERRINA ESCUDELA	PRATO MALGA	ATAIFOR ZAFÁ JOFAINA	SAFA	

6.8. Taça (Fig. 4)

O uso desta palavra para designar formas mais abertas, muito frequente entre os investigadores portugueses, deve restringir-se apenas às pequenas formas de

paredes mais abertas e menos elevadas que os copos, de reduzidas dimensões, que correspondem ao castelhano JOFAINA. TAÇA é palavra de origem árabe, que se conserva não só nas línguas peninsulares, mas também em francês e italiano.

6.9. Tigela / Ataifor ou Jofaina (cast.) / Safa (cat.) (Fig. 4)

Denomina genericamente uma forma aberta para apresentar alimentos. Trata-se de um recipiente de corpo semi-esférico ou cilíndrico e de tamanho variável.

O termo procede certamente do latim vulgar *TEGELLA* (cf. DCECH, sob *techo*, p. 449/2, nota 3).

Parece-nos mais adequado do que um termo como *PRATO*, recipiente plano de uso individual que só surge no quotidiano ocidental a partir do século XIII, momento em que acaba a presença islâmica no Gharb.

Tão pouco nos parece adequado o vocábulo *MALGA* de origem demasiado tardia. No século XIV denominava-se «obra de Málaga» a cerâmica que se importava em grandes quantidades desta cidade. Posteriormente passou a denominar genericamente a cerâmica com decoração vidrada para finalmente designar a forma aqui considerada.

6.10. Terrina (Fig. 4)

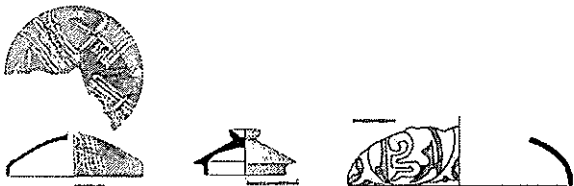

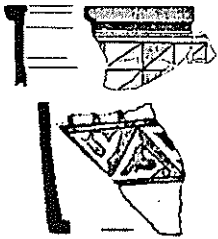



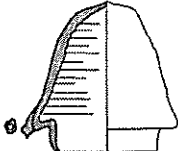
Forma aberta para servir alimentos de forma semi-esférica com um bordo adaptável a uma tampa. Deve ser considerada como variante da *TIGELA*.

Segundo o DCECH (sob *Grial*, p. 210/1), é palavra provavelmente de importação francesa. Teria sido inicialmente, nessa língua, um adjectivo inspirado no material de que o objecto era feito (tal como, em português, *barrenho* deriva de *barro*). Não conhecemos outra palavra mais generalizada do que esta para a função que desempenha.

7. OBJECTOS DE USO DOMÉSTICO E ARTESANAL

Incluimos neste grupo uma série de artefactos dificilmente classificáveis de outra maneira.

FIG. 5 – OBJECTOS DE USO DOMÉSTICO E ARTESANAL

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
TAMPA			TAPADERA	TAPADORA	
TESTO			TAPADERA	TAPADORA	
BACIO					
MEALHEIRO	ALCANCIA		ALCANCIA	LLADRIOLA	 Segundo Chinchilla
TREMPE			ATIFLE		 Segundo Olatz Villanueva
TINTEIRO			TINTERO	TINTER	 Segundo Juan Zozaya
ALAMBIQUE			ALAMBIQUE	ALAMBI	 Segundo Bosch e Chinchilla

7.1. Tampa / Tapadera (cast.) / Tapadora (cat.) (Fig. 5)

O nome aplica-se a uma forma mais ou menos achatada, destinada a cobrir a boca de um recipiente. Uma pequena pega remata o seu ponto central. A palavra **TAMPA** pode ser de criação onomatopaica, partindo do verbo *tapar* ou pode estar relacionada com o esp. *tapón*, onde seria de importação francesa. (DCECH, sob *Tapa*, p. 409/2). Não se conserva em português nenhum termo com este significado proveniente do árabe.

7.2. Testo (Fig. 5)

Denominamos assim um objecto de forma plana ou côncava, destinado a tapar PANELAS ou JARRAS. Costuma apresentar na face côncava um pequeno apêndice como pega.

Derivado do latim TESTU, com o mesmo sentido.

7.3. Bacio (Fig. 5)

Trata-se de uma forma aberta de grandes dimensões, corpo cilíndrico e alto, destinada à higiene doméstica. A sua origem etimológica é extremamente confusa. Existe, no entanto, uma série de palavras do lat. tardio aparentadas com esta que têm uma grande difusão nas línguas românicas ocidentais.

7.4. Mealheiro / Alcancia (cast.) / Lladirola (cat.) (Fig. 5)

Forma completamente fechada e globular, com uma pequena ranhura por onde se introduzem as moedas. Deriva da palavra medieval *mealha* e esta, provavelmente, do lat. MEDALIA, com o significado de «moedas de cobre» (DCECH, sob *Meaja*). Rejeitamos a palavra *alcancia* que, em português do sec. XVIII, tinha um significado completamente diferente: «Granada de barro cheia de pólvora lançada com a mecha a arder» (RIBEIRO, 1991).

Ainda não foram assinaladas peças deste tipo no Gharb.

7.5. Trempe / Atifle (cast.) (Fig. 5)

Designa um objecto composto por três corpos aproximadamente cilíndricos unidos por uma das pontas e com um pequeno acrescento cónico na outra, utilizado em olaria para separar as peças no forno. Este nome, com o qual os oleiros designam actualmente estes utensílios,

tem provavelmente origem no lat. TRIPEDE embora a sua formação seja obscura (J. P. Machado).

7.6. Tinteiro / Tintero (cast.) / Tinter (cat.) (Fig. 5)

É um objecto fechado de corpo cilíndrico com um elemento tubular no interior da boca destinado a introduzir o aparo. O termo deriva de *tinta* e não existe outro proveniente do árabe com este sentido.

7.7. Alambique / Alambique (cast.) / Alambi (cat.) (Fig. 5)

Trata-se de um objecto com a forma de sino com um elemento tubular para saída do líquido que se condensa na campânula. Chegou até nós através do árabe, que o tomou do grego. Recolhemos o termo apesar de se aplicar a uma forma muito rara, havendo, até à data, apenas um exemplar reconhecido na Península Ibérica.

8. INSTRUMENTOS DE USO AGRÍCOLA

8.1. Alcatruz / Arcaduz (cast.) / Caduf, Cadufol, Catufol (cat.) (Fig. 6)

Forma fechada, cilíndrica ou cónica, com um sulco marcado na superfície para fixar as cordas que o prendem à nora de tirar água. Tal como o precedente, é um termo árabe que provém do grego.

9. OBJECTOS LÚDICOS (Fig. 7)

9.1. Tambor / Adufe, Tambor, Atabal (cast.)

O termo aplica-se a um objecto musical de percussão constituído por um tubo cilíndrico, com duas partes desiguais em que uma delas é coberta por uma pele bem esticada. O termo e o instrumento, segundo o DCECH, têm origem oriental, no persa TABÏR, tendo sido o nome confundido com o de outro instrumento, o árabe TANBUR. O vocábulo *adufe*, proposto por ROSSELLÓ, não se aplica ao português na medida em que nesta língua designa outro instrumento musical, ainda vivo na tradição do centro interior e cuja antiguidade está documentada iconograficamente por uma peça cerâmica do século XI encontrada em Tavira.

FIG. 6 - INSTRUMENTO DE USO AGRÍCOLA

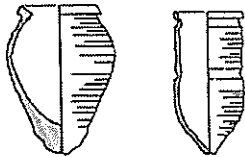
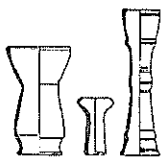

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
ALCATRUZ			ARCADUZ	CADUF CADUFOL CATUFOL	 <p>Segundo Bosch e Chinchilla</p>

FIG. 7 – OBJECTOS LÚDICOS

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA EM PORTUGUÊS			PROPOSTA ROSSELLÓ (1991)		FORMAS
Termo proposto	Outros termos	De excluir	Castelhano	Catalão	
TAMBOR		ADUFE	ADUFE ATABAL TAMBOR		 <p>Segundo Vindry, Escribá e Rosselló et alii respectivamente</p>
PEDRAS DE JOGO	PEÇAS DE JOGO				

9.2. Pedras de Jogo / Fichas (cast.) (Fig. 7)

Esta designação, é atribuída a peças de forma circular, que normalmente se obtêm afeiçãoando pedaços de cerâmica. Também se conhecem em outras estações do Andaluz objectos deste tipo, com forma de losango ou de pétala. Preferimos *pedras a peças de jogo* por ser a expressão geralmente utilizada na linguagem dos jogadores.

10. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

10.1. Tijolo / Ladrillo (cast.) / Rajola ou Tova (cat.)

O termo designa uma placa ou paralelepípedo maciço de cerâmica destinado a erguer paredes, recobrir abóbadas ou revestir pavimentos.

Segundo J. P. Machado, procederia do espanhol *tejuelo*, o que é contestado por Corominas, que considera este termo «verdadeiramente castiço» em português. (DCECH, sob *Ladrillo*, p. 555, linhas 37-38). Assim sendo, partindo do lat. TEGULA- e considerando a conservação do -l- intervocálico, é possível que se trate de um moçarabismo (id., sob *Techo*, p. 449/1). Não se conserva nenhum derivado do árabe para denominar o objecto.

10.2. Ladrilho / Loseta (cast.)

Este nome aplica-se especificamente à placa maciça de revestimento de solo. Chegou ao português por via do espanhol, onde tem origem num diminutivo do latim LATER, -ERIS (DCECH, sob *Ladrillo*).

10.3. Adobe / Adobe (cast.) / Tovot (cat.)

O termo designa o tijolo de barro cru e seco ao sol. Procedo do árabe. Embora não se trate propriamente de um objecto de cerâmica, por não ser cozido, parece-nos necessário incluí-lo nesta proposta.

10.4. Telha / Teja (cast.) / Teula (cat.)

É o único termo que se utiliza para denominar este objecto com a forma de meia cana utilizado nos telhados. Procedo do latim TEGULA e não se conserva qualquer vestígio do nome que possuía em árabe.

10.5. Azulejo / Azulejo (cast.)

Este vocábulo é o mesmo que aparece na proposta de Rosselló. É a placa de cerâmica geralmente decorada que cobre paredes ou pavimentos. O termo talvez proceda do árabe, embora no Ocidente só se encontrem azulejos em finais do século XIV.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1975) – *Fouilles de Conimbriga. Vol. V. La céramique commune locale et régionale*, E. de Boccard, Paris.
- COLL CONESA, Jaime; MARTÍ OLTRA, Javier; PASCUAL PACHECO, Josefa (1988) – *Cerámica y cambio cultural. El tránsito de la Valencia Islámica a la Cristiana*. Valencia.
- DCECH - COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. (1980-1991) *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 6 vols. ed. Gredos, Madrid
- DECLC - COROMINAS, J. (1983-1995) *Diccionari Etimològic i Complementari de la Llengua Catalana*, Curial Edicions Catalanes / Caixa de Pensions «La Caixa», Barcelona.
- MACHADO, J. P. (1977) *Dicionário Etimológico da Língua portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa.
- RIBEIRO, Margarida (1991) – *Património cerâmico e linguístico português sob influência islâmica*, in «A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa 1987», pp. 491-496. Ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- ROSSELLÓ, G. (1978) – *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*, Palma de Mallorca, 1978.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1991) – *El nombre de las cosas en al-Andalus: Una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca, 1991.
- TORRES, C. (1987) – *Cerâmica Islâmica Portuguesa. Catálogo*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.